



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XXII — N.º 565 — Preço 1\$00
6 DE NOVEMBRO DE 1965



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Tribuna de COIMBRA

O fim da tarde de ontem foi a arrumar a vida dos do Lar de Coimbra e a noite foi mal dormida.

Na manhã de hoje aviei recados e à tarde regresssei a Miranda e, depois de uma volta pelas oficinas e quinta, fui para o escritório pôr contas em dia. Cheguei à noite com vontade de cair.

A sineta tocou a chamar: falta meia hora para a ceia e todos se reúnem no terreiro fronteiro à casa, pois a noite está serena e convida a rezar o terço ao ar livre. **Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen** — começa o chefe. E os oitenta rapazes começam a passear para trás e para diante. Os mais novos fazem um coro e os mais velhos respondem. No meio anda o Luizito, de dois anos incompletos, a fazer uma chibreada sôzinho. Abel, de quatro anos, adormece debruçado no rebato da sala de jogos dos médios. Os que têm eridelas estão sentados nas eseadas. O cão e o gato mais novos passeiam com os rapazes e de vez em quando brincam com os bons amigos. Zai, de treze anos e ainda um grande humedecido, preside aos mistérios. O coro alternado continua a sua marcha. É a hora da oração à Mãe da família.

Que bem me soube este terço assim dialogado em simplicidade por esta família da terra com a família do Céu! Este fim do dia aliviou-me do cansaço do dia todo. Como é saboroso o terço na Casa do Gaiato!...

PADRE HORÁCIO



As crianças, em Paço de Sousa, movimentam a comunidade. E criam «problemas» ao Sr. Padre Zé e à Sr.ª D. Sofia. São as barricadas...

MALANJE

DEI boleia a um garoto que anda todos os dias vinte quilómetros para ir e vir da escola. Pediu timidamente, sentou-se a meu lado e ficou silencioso.

Irmão das pedras, das árvores, dos grandes sonhadores! Desceu, agradeceu sorrindo e misturou-se com o carreiro estreito a caminho da sua palhota, da sanzala, do seu grande mundo. Nos olhos um desejo!

Nos pés descalços, um caminho que ele próprio vai traçando.

Este encontro com o pequeno grande, no momento em que começamos a construir as escolas, deu-me ânimo. Apesar do sacrifício e lutas que esta nova construção nos traz, é uma chegada na resolução do grande problema do ensino. É irmos ao encontro daquele desejo. É facilitarmos um caminho novo aos pés descalços do garoto dos vinte quilómetros.

Escrevo do grande planalto Ginga — feito de morros verdes e linhas recortadas de vegetação densa a marcar os rios. Que belo! Por certo, foi esta vastidão que deu ao Povo Ginga o espírito guerreiro. Daqui, a dez quilómetros da sanzala natal do Constantino, Faustino e Fernando, (nossos três gaiatos filhos do Rei dos Gingas, que foi assassinado pelos turras) lhes mando os parabéns.

De viagem ao Negage, receber duas turinas que a Base Aérea nos cedeu, em todos os Postos Administrativos e povoações comerciais, Quim, o nosso vendedor do Gaiato, tem batido a todas as portas. Co-

Continua na TERCEIRA página

CANTINHO DOS RAPAZES

A hora alta que se vive na Igreja pela aprovação do «documento, historicamente mais transcendente» que o Concílio tratou — a «Declaração sobre a liberdade religiosa» — não pode deixar de ser camungada por nós mediante o esforço da total percepção que nos é possível.

Deus é Amor. Por amor é que nos criou, pretendendo a salvação de todos e de cada um dos homens, aos quais deu o Seu Filho por Salvador. Cristo morreu por todos e cada um dos homens que vieram e hão-de vir ao mundo. O Seu Sangue é o preço suficiente da Redenção. Mas um preço oferecido, porém não aceite senão pelos homens de boa vontade — os a quem os Anjos do Presépio prometeram a Paz na Terra.

Jesus é a imagem viva do Pai. «Quem me vê — disse Ele ao Apóstolo Filipe — viu o Pai». Quem O aceita, recebe a Paz de que Ele é o Príncipe e o princípio para

nós. É remido pelo preço de Cristo no acto em que O aceita. É tornado pacífico. E destes está dito: «Bemaventurados... porque verão a Deus».

Deus é Amor. Por amor foi que nos deu o Seu Filho e nEle, a Verdade, a Vida, o Caminho, a Luz, o Pão descido do Céu, a Ressurreição, o Bom Pastor... — tudo o que o Senhor disse: «Eu sou». Conhecer Cristo é saber tudo o que importa à Salvação. Amá-lo é ter escolhido tudo o que nos salvará.

Deus é Amor. Como, poderia enganar, se nos dá a Verdade?; perder, se nos aponta o Caminho e nos entrega o Bom Pastor?; deixar nas trevas, se nos acende a Luz?; destinar à morte, se nos oferece a Vida e a Ressurreição?; abandonar na fraqueza, se nos serve o Pão?

Cristo é a palavra que resume todo o conhecimento do Pai. Palavra incarnada, o Dom total de Deus aos homens.

Mas toda a dádiva perfeita exige aceitação — e só os homens de boa vontade, humildes, puros de coração, só esses estão dispostos a aceitar, só esses verão a Deus.

Por isso a Igreja respeita — e declara-o agora solenemente — os homens de boa vontade, seja qual for a sua raça, cultura, condição...

A estes está prometida a Paz. Foi-o pelos Anjos do Presépio. Quem pode destruir a Promessa?

Por isso a inquietação missionária é um valor que se avoluma dia a dia. Tantos homens de boa vontade, que não conhecem Cristo! Prontos a recebê-lo, a aceitar o Seu amor — e que O não conhecem e O não amam conscientemente — enquanto conscientemente outros O rejeitam nas «crisandades cansadas» da Velha Civilização!

continua na TERCEIRA página



Auto-Construção

Temos no pensamento neste instante, os Amigos de Auto-Construção. Não podemos esquecer, um momento sequer, que Auto-Construção só fará alguma coisa, se conseguir fazer aparecer muitos Auto-Construtores que sacrificadamente, diríamos heróicamente, trabalhem e economizem para terem, passado algum tempo, uma casa sua. Só aparecerão estes Auto-Construtores, se um grande grupo de Amigos os compreenderem e os apoiarem e os ajudarem. A tarefa é demasiadamente grande e difícil para ser levada a cabo por poucos. Muitos e com muito boa-vontade.

Uma das virtudes humanas e cristãs muito natural ao homem é a virtude da gratidão. Lendo, cuidadosamente, o Evangelho, notamos que ela, a gratidão, não é muito vulgar. O P. E. Plus, escritor francês, põe-na, à gratidão, no número das «virtudes raras» num livro que escreveu precisamente com este título. Enfileirando, consequentemente, no número dos Amigos dos Auto-Construtores fazemo-lo também por um dever de gratidão. Quem construiu a casa onde nós vivemos? Só os nossos pais, os nossos avós? Não andou lá um pedreiro que souou, enfarinhou as calças com o pó da pedra; tirou areias que, picando, sempre picando, lhe saltaram aos olhos, calçando uns paus presos a duas correias de sola. Lá andou um carpinteiro em cima da armação equilibrando-

se com dificuldade e arriscando, por vezes, a vida. Lá andou um garotito todo o santíssimo dia com a tábua da massa a escorrer, à cabeça, ganhando doze ou quinze escudos. A madeira foi serrada por serradores; o ferro dos pregos foi arrancado à terra por esses mineiros heróicos que, à profundidade de 200 ou 300 metros gastam a sua saúde, a sua vida, para mais tarde, aparecerem tantas e tantas obras entre as quais também a nossa encantadora vivenda. Quem construiu as nossas Igrejas? E também os palácios dos reis, os paços dos bispos, os arranha-céus dos milionários, as casas sumptuosíssimas dos banqueiros, ou modestas da numerosa classe média? Os nossos trabalhadores. Quem construiu as pontes que encurtam distâncias e nos poupam tempo? Ainda os nossos operários. É preciso não esquecer que não foram só eles. Mas da mesma maneira é preciso não esquecer que também foram eles. E, por isso mesmo, também eles deverão ter a sua casa. Para todos nós é um dever de gratidão.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Visado pela
Comissão de Censura

Amigo leitor, tu sabes verdadeiramente o que é Ordins? Penso que não, se é só pelo que ouves dizer ou lês. É que é tanta a confusão que se estabeleceu na mente de alguns!... Por isso mesmo, eu te convido a fazer-nos uma visita.

Cada um é que encontra a Verdade e se liberta. Pois és tu, e mais ninguém, aquele que há-de saber, por seus próprios olhos, o que é Ordins. Os outros, quaisquer que sejam, somente podem ajudar-te, eles que nem sempre te dizem o que é isto. E eu também não vou dizer-te agora. Eis porque, insisto, se impõe a tua visita a Ordins. Mas conversemos um pouco. Querres?

Compreendo perfeitamente todo o valor que esta obra representa; não a conhecesse eu há já dois anos!

Quer digam que é bem ou mal situada, de pouca ou mui-



ta influência, de grande ou pequena necessidade, no meio em que está, o certo é que ninguém duvida dela ser um centro de assistência social. E é esta a razão de haver tanto carinho, admiração e entusiasmo à sua volta.

Hoje em dia, mais do que nunca, triunfa todo aquele e aquilo que se apresenta sob o signo do social. É a época da sociedade por excelência. Até se exagera, a ponto de tantos

se esquecerem e de não darem valor à actividade interior, como seja a vida espiritual, o trabalho da inteligência, a tarefa da educação..., como se o homem não fosse um ser individual, antes de ser social. Daqui, já se conclui onde tem origem a tremenda aflição em que vive o homem dos nossos dias: deixou de pensar em si, esquecendo-se do que é, parecendo loucamente querer tentar modificar a sua própria pessoa, como se fosse possível destruir o que Deus fez.

Isto tudo, amigos, para dizer que em Ordins a assistência social não é desordenada: encara o homem como ele é, e procura ajudá-lo a realizar-se, espiritual e materialmente. Vive-se aqui uma única ambição: fazer sempre mais e melhor ao serviço do homem e da sua perfeição.

PADRE VIEIRA



SETUBAL

«BATATAS» — Chegaram mais deles. E digo deles, porque me refiro a rapazes pequenos. A época do inverno é a que põe mais ao léu as necessidades das famílias pobres. É a falta de pão, porque o chefe de família trabalha debaixo de chuva; é o inverno que entra por entre as frinchas da

barraca, e humedece os farrapos que os agasalham de noite. É, mais do que tudo, a miséria gerada tantas vezes nessa pobreza e nessa nudez: Pais, mães, filhos, filhas — pequenos e grandes — tudo a dormir no mesmo cubículo.

Eu fui outro dia a Lisboa e mesmo ali por detrás da igreja de S. Vicente, vi a miséria naquele monte de barracas. De pois passei nas avenidas novas e fui até às arcadas do Terreiro do Paço. Já dentro do barco, perguntei ao Senhor porque é que havemos de ser assim tão orgulhosos, tão metidos no mundo das avenidas novas, e nos separamos do irmão da barraca? Porque fechamos os olhos àquilo que nos dói, se nessa dor, no dar-mo-nos aos outros, está a alegria do nosso viver?

Dou graças ao Senhor por me fazer compreender e participar nesta alegria.

Se o irmão das avenidas novas e das arcadas do Terreiro do Paço fosse provar do caldo das barracas, também havia de estranhar como eu estranhei o sabor da sua sopa.

CHEGOU o Franklin: Quem me deu a notícia foi o Francisco mai-lo Ramiro, dois batatas que ainda estão aconchegados aos miolos das nossas senhoras.

A entrada do Franklin não teria dado tanto nas minhas vistas, se o Ramiro e o Chiquinho não passassem, com ele pela mão, junto da minha oficina. Eu fui à porta e vejo os três de mãos dadas a passear todos os recantos da nossa casa.

Eu pensei que o Senhor nos mostra na inocência destas crianças o que nós, os adultos, deve-

mos fazer: darmos as mãos, preocuparmo-nos uns pelos outros.

EREJA anda contente; nós também. Senhor Padre Acílio foi a Lisboa comprar um pano pró bi-lhar e mais jogos de damas.

Nós temos muitos rapazes que não podem nem devem estar ociosos. Eu sei por experiência própria o que é a ociosidade nas idades de alguns dos nossos rapazes, e por isso vos peço que nos envieis muitos jogos dos que tendes em casa. Baralhos de cartas também, pois claro: nós queremos que eles se «afastem» do mundo, «vivendo» nele.

TRABALHO; muito dele. Pai Américo diz que o trabalho nas nossas casas, é pão prá boca. Ora, nós somos uma comunidade de 140. Há deles «Batatas» que varrem as ruas; há uma grande parte que vai prá escola; outra que anda nas oficinas e empregados na cidade; e por último temos os estudantes.

Estamos na época da colheita do arroz, e todo o pessoal é pouco para o ceifar, utar e debulhar. É obra de muita vontade, e até de um nadinha de sacrifício. Mas é o nosso ganho, Senhor Padre Acílio espera sempre pela colheita do arroz, para pugar os «calotes» que fazemos durante o ano. O ano passado, passou cheques a todos, e depois, recebeu aviso do banco, que havia cheques a mais, e dinheiro a menos. Vejam os senhores a nossa vida! É nós, os de casa, suboreamos o pão, mas compreendemos que esse pão tem que ter algo do nosso trabalho.

Ernesto Pinto

Uma carta: «Junto a esta encontrará V. a quantia de 2.000\$, como pagamento de uma promessa que fiz, importância que se destina a essa grande Obra que é a Casa do Gaiato.

Se V. receber mais da mesma proveniência creia que a pessoa que lha envia está a amealhar alguns «cobres»...

Peçam a Deus perdão pelos pecados que tenho cometido e também para que haja saúde e felicidades em minha casa e me dê meios para distribuir pelos Pobres».

Não sabemos quem escreveu. É uma alma nova. Suficientemente boa para se debruçar sobre os problemas dos outros. Também é pobre. Está a amealhar uns «cobres» e enquanto pensa em si não esquece os Pobres como ela.

É tão diferente esta linguagem da maneira de falar do comum dos homens de dinheiro! Daquelles que amealham sem a preocupação do «distribuir pelos Pobres»!



Mais: «Aqui me tem mais uma vez contribuindo com a minha ajuda para a vossa grandiosa Obra». Seguem 100\$00. E mais 120\$00 para a construção «da Obra de todo o povo».

Uma ideia curiosa: foram-nos oferecidos 3 boletins premiados do Totobola. Simplesmente porque acertaram muitos, tocou uma migalhinha a cada um. Uma ideia a pôr em marcha.

Da Catumbela 100+50 e mais 120\$00.

É com este dar perseverante, como chuva miudinha, que vai caindo quase sem se dar por ela, que se realizam grandes obras.

Tem sido assim o subir da Casa Mãe da nossa Aldeia.

Do Lobito, 150\$00 mensais, mais 150\$: «meu donativo espontâneo para a grande Obra humanitária e social que se está edificando, em prol da criança abandonada». Mil tijolos. Do C. F. B. 10.000\$00 e promessa de mais. Do B. A. 2.500\$00, 50 do Cubal, 8 latas de azeite e 500\$00 deixados em nossas mãos, junto às obras da Casa Mãe. 1.000\$00 da C. B.; 500\$00 de P. e S. e outro tanto de I. D. A. «Oferta de um pai pelo nascimento de uma filha» — 100\$00. Duas carradas de brita. 200 sacos de cimento e mais 250. A Catumbela tem estado presente desde a 1.ª hora. De Benguela, 350\$00, dados em segredo, para que a «direita não saiba o que faz a esquerda».

P. e MANUEL

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

AGORA

Desde que abalei para Angola que não revia os rostos destes peregrinos apaixonados, que não abandonam as colunas desta Procição de Amor.

Há procições de velas; há procições de silêncio; há-as, penitenciais, cantadas e recitadas; há-as folclóricas, para abrilhantar festas tradicionais... Esta é silenciosa de vozes, mas expressa na língua universal que é o Amor. Amor a Deus e ao Próximo. E até aqueles que nela figuram e julgam não amar a Deus, enganam-se, porque estão perto d'Ele e porque atraídos por Ele é que perseveram, alguns há muitos anos, nesta Procição de Amor. Como eu gosto desta Procição!

No grupo das casas por inteiro, apenas duas presenças: uma recebida em Lourenço Marques; a outra no Lar do Porto, pelas mãos de uma Senhora que dizia fazer o recado a outra.

Vêm agora os eventuais. Passam: Portuense Maria com 100\$; «Uma assinante muito vossa amiga» com uma importância que me foi dada a mais dum troco; uma Maria Helena, da Av. João XXI com 1.000\$; o assinante 26157 com 30\$ e mais migalhas para «Belém» e «Calvário»; e E. T. da Amadora com 500\$, em cumprimento duma promessa; Penhalonga com 50\$; 200+30+30 no Montepio Geral; assinante 11.720 com os seus 20\$; Carviçais com 500\$ de «um grande pecador»; e «a viúva do Porteiro» com esta linda carta:

«Junto a esta vão vinte escudos para o Património dos Pobres e por enquanto vou parar uns tempinhos pois vou ter de fazer umas despesas extraordinárias mas que preciso fazer como seja tratar um bocado da saúde indo a um especialista da garganta, mudar as lentes dos óculos e outras coisas que preciso. Portanto o que eu desejava mandar por agora já fica arrumado e se Deus Nosso Senhor me der vida, saúde e trabalho voltarei sempre que possa pois vontade não me falta para o fazer.

Não me agradeça as pobres migalhas que mando pois não

me têm feito falta e são produto do meu trabalho e Deus Nosso Senhor tem-me ajudado sempre».

Que linda a suficiência dos Pobres! Eu já tenho vindo de junto de magnates tão cheio das suas lamentações da vida que, se os satisfizera o pouco que lhes podia deixar, deixava-lo.

Dobram agora a curva e começam a aparecer os de todos os meses:

É a Maria do Pequeno Louvre. É o Major «do silêncio»: «Este mês a importância é dobrada, porque estou em preparativos para férias. Assim cumprio e vou sossegado para as minhas férias». E na volta, aí está ele outra vez: «Já regresssei das minhas férias. Estou já a trabalhar e ainda bem porque, sem trabalho é que não sei viver. O trabalho é um grande e bom companheiro do homem. Sinto-me feliz e satisfeito por poder dar a minha pequena ajuda a essa Obra cristã». É a Alda, do Ribatejo. É quem sempre pede a conversão de um chefe de família. É o dos 20\$00 poupados ao tabaco em cada mês. E, finalmente, a Odete de Viseu.

Toca a vez aos Pessoais: O da HICA apresenta-se com quatro representações, de 1786\$30, 1946\$30, 1930\$00 e 1743\$70. E a respectiva Administração depositou em Julho quanto no 1.º semestre haviam depositado os seus empregados: 10.930\$40.

O Pessoal da Caixa de Previdência do Porto apareceu uma vez com 126\$20 e o da Caixa Textil, quatro, totalizando 895\$. Fecha este grupo o Pessoal do Grémio de Panificação com 180\$ mais 177\$50.

E agora a construtiva avalanche dos das Casas a prestações:

Gracinda com 20\$00 para a Casa Rainha das Virgens. 120\$00 para a Casa de N.ª S.ª do Carmo. A Casa Benedita levou duas pedras de 100\$ e 200\$00. O Casal-Assinante 28.562 ficou na 110.ª prestação para a sua casa. E graças a Deus pelas boas notícias que nos dá da sua filha. A «Mãe que crê em Deus» mandou em Julho três boladas e outra em Outubro. Esta boa Mãe há muito que não dá notícias do filho... e a gente gosta de ir sabendo.

Agora é o «Casal agradecido a Deus»:

«É com grande satisfação que juntamos a importância

de 4.000\$00 para completar a promessa que fizemos de oferecer ao Património dos Pobres, uma casa, ou melhor, a importância que Pai Américo simbolicamente indicou para o efeito; em reconhecimento e agradecimento a Deus pela Sua benevolência e graças recebidas».

Mais 2.000\$00 para a Casa Carolina.

Ao assinante 6790 com quatro presenças, todas «reforçadas», digo que suponho não ter havido extravio de nenhuma remessa. A Casa de S. Francisco fica na 64.ª prestação. A do António e do Fernando subiu mais 300\$00 e 300\$00. Berta e Jorge, mandaram 3x100\$00. A Casa de S. Bernardo, recebeu a 13.ª e 14.ª prestações. Mais 100\$00 de «uma Mãe» para a Casa de S.ª Teresinha pela salvação dos meus quatro filhos. A casa dos licenciados cresceu 150\$00. Diz quem os mandou que nunca mais se falou nesta casa. É verdade. É que os licenciados estarão talvez em licença e nada têm mandado... 100\$00+200\$00 de Matozinhos para a Casa Pai Américo. 100\$ para a de N.ª S.ª das Candeias. E o dobro da M. Helena, de Torres Novas. «Mais uma migalhinha de 500\$00 para a minha Casa das três Marias». E acrescenta esta Mãe: «Em acção de graças pelos bons resultados nos exames das minhas três Marias, juntei mais esta migalhinha com pena de ser tão pouco». Mais dois mil, por quatro prestações para a Casa do Eduardo. E 50\$ para a Casa dos meus anos. Lourenço Marques com 500\$00, 9.ª prestação da Vivenda de S. José. E outra vez da mesma cidade. 1.000\$00 da Dulce «para a casa que espero Deus me ajude a acabar. Mas as dificuldades são tantas com as transferências que muitas vezes temos de desistir». Duas vezes um ass. da Nespereira com 300\$ cada. A Alda, da Rua de Campolide, atingiu a dúzia de contos e pede que a sua Casa se chame Milagre e fique em Coimbra. Na cidade não poderá ser. Mas vamos a ver se por lá perto sim.

A esta Senhora e a muitos outros fiéis desta Procição nós informamos do modo do nosso trabalhar: Subsidiámos Paróquias interessadas no Património e por cada 12 contos afixamos uma placa, satisfazendo os desejos de quem no-lo deu. Aqui, portanto, o dinheiro gira sempre, à medida que vem vindo.

«Pecadora» acabou a casa que tem por título uma quadra, e mandou mais 1.000\$00 para a Casa Jesus consolai os que sofrem. A casa Seja louvado N. S. Jesus Cristo recebeu mais 200\$. Mais 4.000\$00 da Rua Formosa — Porto e a esperança de poder mandar o resto. 4 prestações de 1.500\$00 para a Casa Coroação, do Rosário de casas. Outra «uma pecadora», com 500\$ para a Casa perdoai-nos Jesus, «que

vou tentando construir com as

minhas economias, para que Deus me dê paz no meu lar». — outro tanto, no Espelho da Moda, para a Casa perdoai-nos Senhor.

Da Av. Estados Unidos da América, chegaram todas as remessas. Soma mesmo 9.200\$00.

Agora um salto à Beira. É a Maria Bertina com 1.000\$ para o Casal Maria José e Cruz com 300\$00+100\$00+200\$+300\$ e uma dedicação que se revela neste desabafo tão sentido: «É perdoe V. as minhas queixas quanto à irregularidade com que recebo o jornal, mas «O Gaiato» não é um jornal qualquer e eu sinto a falta da sua leitura».

Com estas importâncias terminou a Casa Graças a SS. Virgem. As remessas futuras serão para a Casa de Meu Pai.

É termina a Fernanda de Setúbal com 2 vezes 120\$00, de Novembro/64 a Outubro/65, e duas lindas cartas de que dou este pequenino trecho:

«Eu devo muito à «Obra da Rua», através do seu Jornal, das suas obras, dos seus obreiros, dos seus exemplos. Por isso, mais culpada sou, pois não posso alegar que ignoro o que sofrem muitos dos que nós chamamos irmãos, mas não sentimos que o são, senão não seríamos capazes de ter uma gaveta cheia de lençóis que segundo os nossos cálculos nos chegarão até ao fim da vida, e nós sabemos que pelo menos metade dos portugueses, não dorme entre lençóis. E nós ficámos na mesma, vamos mandando aquilo que com maior ou menor sacrifício conseguimos, calam a nossa consciência, e tudo vai seguindo».

Acredite no entanto que dentro das minhas possibilidades presentes, faço o que posso, e Deus sabe que o que mando não é fruto de sacrifício. Amo muito a Obra, pouco lhe dou, mas sinto que o sonho da Casa de N.ª S.ª do Carmo, há-de ser uma realidade. Amãhã é dia de N.ª S.ª do Carmo, aniversário da morte de Pai Américo, e eu tenho fé que alguns Carmelitas, ou algumas Marias do Carmo hão-de man-

dar as suas dadas, e se isso não acontecer, é porque o Senhor quer pôr à prova a minha generosidade».

Diário de um SOLDADO

Com Deus tudo; sem Deus nada.

Tenho tido lutas. Deus tem-me posto muitas vezes à prova delas. Sou um novato, mas, graças a Ele, tenho vencido. E que feliz me sinto com estas vitórias! E que sorriso tão real meu rosto agora ostenta! Porque é que eu não acreditei nele há mais tempo? Para que me deixei adormecer nas glórias da miséria e da podridão? Agora vejo que as lutas me fazem bem. Ridicularizei-me muitas vezes perante Deus e perante o meu espírito. Mas os braços d'Ele estavam sempre abertos para mim. Não: eu não poderia ficar estéril toda a vida. Eu não poderia ser como a figueira amaldiçoada que só apresentou folhas. Liguei-me a Ele e só confiei nele e naqueles que por Ele estão unidos a mim. Só assim será possível eu vencer esse «sabichão» que muitas vezes usa de disfarces de nobreza e espiritualidade.

Agora não olho o Além: caminho para o Além. Sei que esta caminhada há-de durar toda a vida. Hei-de ter muitas lutas, mas Deus está comigo. Agora já tenho forças para vencer o meu orgulho e humilhar-me perante Ele com um coração grande e um espírito muito aberto.

Não posso, por mais que queira, explicar estas alegrias que o Senhor me está dando a viver. Elas valem imensamente mais do que todas as alegrias banais vividas até aqui. Nunca pude imaginar quão grande é a alegria de O servir.

MALANJE

Contin. da PRIMEIRA página

rações abertos — velhos e novos comerciantes, em contacto com esta natureza grande e majestosa; em contacto com as populações indígenas — dia e noite — real elemento civilizador. E os chefes de posto, com tantos sacrifícios, por vezes ignorados e por medir.

No Luínga, o Sr. Chefe Pereira, com saudades no sorriso aberto: «Sabe, conheci o Pe. Américo... ele esteve em minha casa...» e poisou, com tanta simpatia, o olhar no pequenino gaiato! O amor vence tudo e, onde está, é uma fonte que alimenta.

Foi com este amor no coração que o Sr. Silva, do Cateco, nos acompanhou e estabeleceu contactos, onde plantámos a amizade.

Em Camabatela, encontramos muitos amigos do galato.

Na Base Aérea do Negage, muita simpatia, as duas ditas toiras e plantas de abacaxis.

Em Carmona, só pernoitámos — e foi o bastante para lermos na frente os traços vincados dum caminho difícil. Lá voltaremos no dia 21 de Novembro com a nossa mensagem simples — também no estender da mão.

PADRE TELMO

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Cantinho DOS RAPAZES

Contin. da PRIMEIRA página

A «Declaração sobre a liberdade religiosa», que de modo algum iguala na objectividade as diversas religiões, mas que as aceita e respeita enquanto expressões da boa vontade dos homens, que é a preparação fundamental para se receber Cristo — Verdade, Caminho e Vida — surge-me, pois, como uma chamada irrecusável aos cristãos, para que tomem consciência do carácter missionário da Igreja e levem Cristo e comuniquem Cristo a todos os homens, por quem Ele morreu e de quem o Pai quer a salvação, na certeza, embora, de que só os de boa vontade, os humildes e puros de coração, os pacíficos, os pobres em espírito, poisados na Terra, mas não mergulhados nela — só esses entenderão a Sua Mensagem e aceitarão o Seu Amor.

PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

Escrevo uma crónica sobre o Lar. No meu interior, antepôs-se esta pergunta: O que é que hei-de dizer? Mas esta pergunta terá razão de ser? Deus ao criar-nos, criou-nos para vencer. Então para que as objecções? Felizmente o leitor do «Gaiato» não é exigente. Contenta-se com pouco, porque sabe que este «pouco», é escrito do coração e é escrito com o pensamento nele.

Estou a escrever estas linhas e com o pensamento em ti. Em ti, jovem estudante, que tens pouco tempo para ler o jornal. Em ti, avózinha, que os vidros já foscos dos teus óculos, te dão ainda o grato prazer de saborear estas linhas. Sim, é em ti, porque sei que nos amas.

Antes de vir para este nosso Lar, eu tive ocasião de avaliar o amor que todo o mundo nos dedica por uma série de cartas a pagar a anuidade do «Famoso». Algumas delas serviram até para a minha meditação, por ser indigno delas. Talvez eu seja indigno, mas a Obra, essa não. A Igreja, é merecedora de tudo quanto nós podemos fazer por ela. Pois a Obra é da Igreja e consequentemente, é tua. Tu é que tens o dever de a sustentar, porque nós — Gaiatos — somos teus filhos. Por isso, é de ti que depende o seu engrandecimento. Em troca terás a recompensa do Senhor e a consolação de veres aqueles que até então te estendiam a mão pedindo esmola, passar com bom aspecto junto de ti, sem muitas vezes os reconheceres.

O Lar, sofreu nestes últimos tempos, uma grande remodelação. Novas caras vieram da nossa Aldeia de Paço de Sousa. Uns para estudar, outros para trabalhar, e outros que tiveram de o abandonar, dado que a sua presença seria prejudicial, no meio da nossa família. Para estes, os nossos votos sinceros de que vençam a vida, antes que a vida os vença a eles. Para os novos, de que também façam parte como irmão mais velho, e simultaneamente como chefe, a certeza de que todos estarão conosco, para nos ajudar a vencer e a minorar as preocupações que este nosso Lar tem trazido a quem dele quer fazer uma verdadeira preparação para o futuro.

ERNESTO AUGUSTO

Paço de Sousa

«Vinta» é uma figura muito popular na nossa Aldeia. Quer pela sua graça e espontaneidade, quer até pelas asneiras que diz. Nós sabemos que não é do seu agrado figurar nas colunas do nosso Jornal. Porém, são tantas e tão variadas as razões que a tal me obrigam, e tantos os pedidos para que o faça, que eu, de boa vontade, acedi.

«Vinta» é serralheiro de profissão. Dantes desejava ser «tipógrafo-maniquista». Tal não foi nem é possível! De maneira que enveredou pelo que hoje ocupa.

É um apaixonado pelo futebol. Quando joga, vibra e faz vibrar os outros com suas habilidades. Se alguém lhe diz que não joga nada,

ele responde com prontidão: Deixa estar que não jogas mais do que eu! Responder com ele, ouvi-lo falar, é prato de que todos gostam e apreciam. Por isso, e a cada passo, vemos e ouvimos comentários: «O «Vinta» assou uvas. O «Vinta» disse que tinha uma mão a cheirar a carne humana... O «Vinta» queria cozer batatas sem água. O «Vinta» fez... disse...»

Episódio engraçado, ocorreu há dias, quando almoávamos. «Vinta» sofre do estômago. Como nesse dia fosse feijão com carne, disse que lhe podia fazer mal. Depois de o comer, diz com ar de ingénuo: «É verdade. Eu sou da dieta. O refeitorio — «Elvass» — vai à Senhora D. Sofia pedir um prato de arroz pra mim...»

Muito mais poderia dizer. Creio que para satisfazer a vontade de muitos, e para aborrecer o «Vinta» já chega. Porém, repito, ver e ouvi-lo falar, é prato de que todos gostam e apreciam mais que a farinha de pau...

23 de Outubro, data do nascimento de Pai Américo, foi uma vez mais escolhido para a realização dum matrimónio. Acto que teve lugar



ZÉ LEMOS E MARIA MADALENA

na nossa capela em Paço de Sousa, cujos protagonistas foram Zé Lemos e Maria Madalena.

Ao casal, que partiu em viagem de núpcias, desejamos as maiores felicidades.

Não fora a generosidade da Federação N. dos Produtores de Trigo, e este ano já teríamos passado muita fome de pão. Na verdade, com cerca de 12 toneladas que nos ofereceram, a dita Federação foi dum simpatia enorme para com a nossa Obra. Aqui lhe apresentamos o nosso obrigado muito sincero.

Agora andamos a colher o nosso. De todas as oficinas foram recrutados elementos pois há que aproveitar o tempo senão, continuando a apanhar chuva, o milho acaba por se estragar. E ele que é o «pão nosso de cada dia!»

Nós temos praiqui uma série de pedidos pra madrinhas de guerra de soldados reclusos sem ninguém que lhes dê um pouco de conforto. A estes e a outros nas mesmas condições, queremos informar que o nosso Jornal não é pan pra toda a colher. E não o é porquanto se trata de um jornal avesso a pedidos deste género. Porém, como já o fizemos para dois soldados em iguais circunstâncias, fazemo-lo também para estes com promessa de que, surgindo mais algum pedido, não o podemos atender.

As meninas dos 22 aos 32 anos, são as preferidas. Às mesmas, que dispunham de tempo para tal, dirigimos o nosso pedido. O seu endereço é o seguinte:

Armindo Belmir Apolinário, soldado 259/663 — D. D. — E L V A S

Constantino da Silva Ferreira, soldado 251/512 — D. D. — E L V A S

António Simões Mendes, soldado 59/748 — D. D. — E L V A S

Joaquim da Silva Ferreira, soldado 68/64 — Quartel em Fontelo — VISEU

A Senhora D. Maria Alice, de Leca do Balio, informamos que recebemos os patinhos, as patinhas, as chininhas e a cabrinha (só faltava cabrinhas!) que fez o favor de nos oferecer.

Todos eles estão óptimos. A cabrinha anda na engorda. E, qualquer dia, passará a pertencer ao mundo dos mortos!

Embora prejudicada pelo mau tempo que durante muito tempo se fez sentir, a nossa vindima já se realizou. Muito vinho se perdeu por via da chuva, que não permitiu que se iniciassem mais cedo as vindimas. Mesmo assim, e segundo as previsões do administrador geral da Lavoura — Senhor Padre José Maria — haverá vinho com farturinha graças a Deus.

Deste assunto, mais nada podemos acrescentar, pois só lá andamos uma tarde que a nada chegou para o que desejávamos...

A mesa, tomando o pequeno almoço, «Caixa d'Óculos» (que parte dos nossos leitores já conhece) e Bartolomeu, mantiveram este diálogo.

— Já viste o gato dos Tipógrafos?
— Não, não vi. Porquê?
— Que beleza. É o gato mais lindo, mais lindo que vi até hoje!
— Vais levar-lhe café?
— Café simples? Não. É muito negro e ele não gosta...

— ?...
— Daqui a pouco passam os da crva com o leite da vacaria...
— Queres dizer...
— Pois é claro! Rouba-se um bocado e ferve-se no aquecedor e dá-se ao gato. Assim já gosta!...

— Mas, se o leite para nós já é pouco, e ainda por cima não temos recebido nada da Cáritas...
— Isso não importa! Importa sim, é que o gato coma, senão morre!

— Pra remate final, direi que o gato é de facto lindo. Tão lindo, que até toma leite de vaca e nós tomamo-lo em pó...
FAUSTO TEIXEIRA

BELÉM

MAÇÃS. Nós, este ano, graças a Deus tivemos muita fruta; e muitas maçãs que caíam foram para os porcos. Na semana passada as seis mais velhas do meu recreio fomos apanhar maçãs. Subíamos às macieiras, ao escadote ou tirávamo-las à roca. Já apanhámos algumas maçãs mas ainda não as apanhámos todas. Este trabalho todas nós gostamos muito de fazer, pois não nos cansa nada. E quando se trata de as trincar,

ainda menos custa. Este ano temo-nos regalado de comer fruta, às merendas.

LINDITA

COSTURA. Nós agora temos costurado pouco, porque temos andado a aproveitar o tempo bom para fazermos outros serviços mais necessários, que são as colheitas. Nós agora já cá temos uma Mestre de costura, que já nos ensinou muitas coisas e ainda nos vai ensinar muitas mais. Todas as do meu grupo andam a fazer rosetas de lã para uma manta. E no fim de acabarmos a manta que andamos a fazer vamos começar uma com o algodão que nos mandaram da Fábrica dos Perdigueiros, da Covilhã. E com a lã que veio vamos fazer meias e camisolas.

DILI

VINDIMA. Este ano fizemos a nossa vindima muito tarde e por isso, as uvas apodreceram bastante.

Começamo-la no dia 14, quinta-feira, e terminamo-la no sábado. Este ano, andamos divididas em dois grupos. As mãs novas, vindimávamos as vinhas e as mãs crescidas, com a menina Isaura, vindimavam os cordões em volta dos campos e as latadas. Quem levava os cestos e as gamelas ao lagar

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O mundo ufana-se de progressos, no domínio do social. Graças a Deus por o social preocupar hoje tanto os homens! Mas o visitador do Pobre, que sente a sua pobreza, sabe que ele, o progresso, mal se vislumbra, ainda, entre a comunidade humana do sector rural. É triste — mas é uma grande verdade.

Foi há dias. Estava em casa, no meio dos meus. E vem ter-me às mãos uma lista de livros escolares para uma filha do pecado, que frequenta a quarta classe da instrução primária. Procurámos, em nossa escola, livros usados. Não havia. Passaram dias. E a pequena, de olhos vivos e vontade férrea, não nos largou.

— Descansa! Já que na tua escola não há caixa escolar ou possibilidades de te oferecerem livros vamos comprá-los no Porto.

— Mas não demore! Olhe que a professora já ameaçou pôr-me pra trás...

Senti o meu peito esmagado pela falta de recursos em uma escola onde há mais Pobres...

Outra foi há dias, também. É uma pethinha que vive só, arrumados que são os filhos casados, mas economicamente dêbeis como ora dizem, para adoçar a boca, os senhores economistas, a quem muito lhes custa a simplicidade de chamar pobres aos Pobres! De feito da época? Triste de feito.

A pobre mulherzita, nossa irmã, está vergada pela sua cruz: sem recursos e com uma doença maligna.

— A mim custa-me estar a incomodá-la outra vez...

— Não incomoda, santinha. Incomoda-nos mas é você não ter quê ou quem lhe dê o preciso...

E a receita do médico municipal (o médico dos Pobres) teve de seguir pró Porto e ser aviada de nossa conta!
Ela seguiu cabisbaixa, envergonhada — por ter de pedir. E nós tornámos a chorar o progresso... que ainda aqui não chegou!

eram as mãs velhas. Primeiro vindimámos as uvas brancas e fez-se vinho branco e depois as uvas pretas e fez-se o vinho tinto. No sábado, nas vinhas, as abelhas eram aos enxames, pois era o último dia da vindima. Andavam muito enfurecidas e enterraram o ferrão a muitas de nós. Pudera! Se lhes andávamos a roubar aquele rico manjar!

Este ano fez-se muito mãs vinho que no ano passado, além dos cachos que apodreceram.

Gostámos muito da vindima. Foram dias de alegria, apesar do muito trabalho e comemos quantas uvas quisemos.

FATINHA

BOLOTAS. Na nossa quinta temos muitos carvalhos que dão muita bolota. Já apanhámos bastante, porque cai muita e é boa para os porcos, porque a erva vai faltando e assim é mais fácil arranjar-lhes de comer. Os carvalhos não só dão bolota, como também o folhado, que nós vamos apanhar para depois se fazer a cama para os porcos. É um trabalho muito fácil que se faz com alegria e de que nós gostamos muito. Quem faz este serviço sou eu e as do meu recreio, isto é, as mãs novas.

...

O QUE RECEBEMOS — Antes do mais havíamos de nos pôr de joelhos e dar graças a Deus pelos robustos donativos que um ou uma Bragança, de Lisboa, para cá tem mandado. Caímos das nuvens, como diz o povo, frente a tão discreta e santa generosidade. Caímos das nuvens! É que a gente não está acostumado a donativos de contos de réis, com uma perseverança destas. Os senhores tomem boa nota: desde que saíu o último cantinho recebemos nada menos de três remessas de conto e outra de três contos. Bendito seja Deus!

Mais perseverança: cinco vezes 40800 da assinante 17022; três vezes 20800 de uma Funcionária dos Correios de Lourenço Marques; e quatro vezes 50800 da assinante 17740.

Mais «Uma licista e sua família» com a contribuição de Junho e Julho. E a conhecida A. F. com 20800. E mais duas vezes 20800 de Benguela, salvo erro, pela mão de um nosso bom Amigo. E 120800 da Horta-Faial, «importância relativa ao 1.º semestre do corrente ano». E mais 50800 de Requixo. E outros 50800 da assinante 24018, «sem acção de graças por uma Graça recebida». Mais 60800 para o 2.º semestre deste ano, enviados pelo assinante 18223, do Porto. E mais 100800 de um anónimo, entregues no E. da Moda. E o óbulo da «Viúva do Porteiro» — 20800. O óbulo que o Senhor canonizou — por ser o maior entre todos. Mais 50800 de um Médico muito amigo, das Caldas da Rainha, que aparece amiúde, discretamente. Ainda mais 20800 de algures, com delicadeza crista: «Desculpa! o pouco que é». Agora é uma cotização dos Funcionários do Posto Fiscal de L. G. F. junto da Fábrica da Companhia Lusitana de Fósforos, cabendo-nos 20800. Finalmente 250800 de uma senhora, de Lisboa, por mais uma graça obtida por intermédio do nosso Pai Américo. E é tudo. Demos, uma vez mais, graças a Deus.

JULIO MENDES

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE